declinantes para os próximos meses (mercado invertido) porém em patamares superiores àqueles previstos no ano passado. Exceto a do primeiro futuro, todas as demais valorizaram-se em 1983, se comparados com as médias verificadas em junho de 1982. Além disso, as diferenças percentuais entre cada futuro e seu anterior eram muito menores, em junho último, do que em junho de 1982. Isto significa que, segundo a avaliação do mercado, hoje é relativamente menor a possibilidade de haver uma alteração no comportamento dos preços durante os próximos meses, do que era em junho de 1982.

CARNE BOVINA

Maiores exportações, maior receita, mas com um preço médio menor

Os dados de exportação dos primeiros cinco meses permitem inferir que a contribuição da carne bovina à balança comercial do país será substancial, em 1983. De fato, o montante das vendas externas de carne *in natura* e industrializada, no período de janeiro a maio, atingiu US$ 234,9 milhões, representando um acréscimo de 25,7% em relação à igual período de 1982. Extrapolando para os doze meses, isto significa que o ingresso total de divisas, proveniente da carne bovina exportada, será de US$ 563,7 milhões em 1983, podendo atingir, sem dificuldades, a casa dos US$ 600 milhões, tendo em vista o ritmo das exportações no segundo semestre ser, geralmente, um pouco mais acentuado.

Em termos quantitativos, esse montante de divisas representará a saída de 432 mil t (em equivalente-carcaça) de carne bovina do país, isto é, 110 mil t a mais do que o volume exportado em 1982. O incremento maior será registrado nas vendas de carne *in natura*, que deverão atingir 131 mil t, 38,7% acima das exportações de 1982. A carne industrializada, alcançando um total de 301 mil t (em equivalente-carcaça), representará um aumento mais módico, de 32%. Em termos de valores, o crescimento de 1,3% no preço médio da carne industrializada, até agora obtido, não será suficiente para compensar o efeito negativo do decréscimo de 13,5% registrado no preço médio da carne *in natura*. Como o aumento mais acentuado das exportações tem incidido na carne *in natura*, o preço médio final da carne exportada deverá ser menor do que o do ano passado, significando que o acréscimo de 110 mil t (em equivalente-carcaça) nas exportações, representará um ingresso de US$ 143,3 milhões em divisas, isto é, 42% a menos do que se fosse exportado à cotação média (US$ . . . . 1.360,00/t) do ano passado. Essa queda nos preços médios das vendas do corrente ano pode ser considerada estranha, quando se leva em conta que a diminuição da produção mundial de carne bovina provém precipuamente do declínio registrado nos dois principais países exportadores (Austrália: –20,2% e Argentina: – 4,6%), segundo o USDA. Este fato não passou despercebido das autoridades federais que, já no mês de maio, procuraram intervir na guerra de preços instaurada na disputa de contratos internacionais, limitando o volume das exportações de carne bovina em 300 mil t para o corrente ano. Além disso, estabeleceram uma conexão com o Uruguai e a Argentina, visando o estabelecimento de um preço-piso para as concorrências internacionais de carne bovina, de modo a evitar o aviltamento das cotações finais dos contratos de exportação firmados.

O Rio Grande do Sul é o estado que mais tem expandido as exportações no corrente ano, segundo o Instituto Sul-Riograndense de Carnes. No primeiro quadrimestre, o volume exportado atingiu 34,7 mil t em equivalente-carcaça, representando um acréscimo de 96% em relação a igual período do ano passado. O acréscimo mais acentuado foi registrado na carne industrializada, que saltou de 12,9 mil t (equivalente-carcaça), em 1982, para 25,8 mil t, em 1983. A carne *in natura* alcançou 8,9 mil t, representando um aumento de 81,6% em relação à exportação de igual período do ano passado. O preço médio da carne *in natura*, que foi de US$ . . . . . 2.607,37/t (FOB) no primeiro quadrimestre de 1982, apresentou um declínio de 15,3%, enquanto o preço médio da carne congelada sem osso

caiu 14,4% no primeiro quadrimestre de 1983. Os preços médios da carne industrializada exportada pelo Rio Grande do Sul praticamente permaneceram estáveis nos períodos em confronto.

Quanto ao destino, 80% das exportações gaúchas foram encaminhados para cinco países, tradicionais importadores. Desses países, os EUA caracterizaram-se pelo maior incremento das importações (245,5%), vindo em seguida os Países Baixos (127,7%) e o Reino Unido (113,6%). O Zaire e a Suécia, dentre os países importadores pouco expressivos ou não tradicionais, destacaram-se pelo incremento das importações. O primeiro saltou de 10,7 para 380,5 t, podendo ser considerado um novo mercado aberto; no segundo, o aumento foi de 15,6 t para 212,5 t.

Diante do novo recorde de exportações de carne bovina a ser alcançado no corrente ano, cabe perguntar se a estrutura de produção do país está preparada para manter esse volume de remessas para o exterior, nos próximos anos. A resposta obviamente será negativa, mesmo considerando a possibilidade de aumento do "excedente", como resultado da queda progressiva do poder aquisitivo da população, em decorrência da política de compressão salarial, praticada no país. A justificativa da resposta reside não só nos baixos índices zootécnicos do rebanho mas, também, na grande amplitude do ciclo da pecuária bovina brasileira, que, por sinal, prossegue na fase de abate intenso de matrizes, consolidando a perspectiva de redução da oferta de bois terminados, a partir de 1985. A medida anticíclica (financiamento de retenção de matrizes) tomada no ano passado — e que no corrente ano deveria ser revigorada — não foi suficiente para reverter o processo de liquidação do rebanho iniciado nos últimos meses de 1981 e que se prolonga até hoje. Tampouco a alta do boi gordo, havida nos meses de março e abril, alcançou o mesmo objetivo, como comprovam os dados publicados no número anterior de **Agroanalysis**. Desse modo, tudo indica que a participação brasileira no mercado internacional deverá refletir a oscilação cíclica da produção da carne bovina, retirando-se praticamente do mercado internacional, em 1985, à semelhança do ocorrido em 1979, quando foi um importador líquido.

Diante da perspectiva de queda da produção do país, ditada pelo ciclo pecuário, o "excedente" exportável nos anos próximos, se porventura houver, advirá de um sacrifício maior do consumo interno, cujos níveis atuais já são extremamente baixos. Neste sentido, fazem-se imperativas não só medidas que amenizem a amplitude cíclica da pecuária bovina mas, também, que retomem o ritmo de crescimento da avicultura e da suinocultura, de modo a evitar a redução da oferta interna de proteínas de origem animal nos próximos anos.

SOJA

Caso ocorram problemas na safra dos EUA, ou erosão do dólar norte-americano, as cotações se recuperarão

O encerramento de uma colheita de soja da ordem de 14,7 milhões de t, num contexto de grave escassez de divisas, remete imediatamente à indagação quanto à contribuição do complexo para a receita cambial, em 1983. Em termos de quantidade, as disponibilidades serão maiores este ano, apesar da quebra de safra provocada pelas recentes chuvas, pois a última safra foi de apenas 12,8 milhões de t. As exportações acumuladas entre janeiro e maio, por sua vez, aumentaram significativamente em relação às de igual período do ano anterior (ver Quadro 1). Ainda nesse quadro, verifica-se que as vendas externas deram um salto no mês de maio. Segundo a Cacex, entre janeiro e abril foram exportadas 198 mil t de grão e num único mês — maio — teriam sido vendidas 411 mil t, compondo o total de 609 mil t. O crescimento das vendas de farelo e óleo também foi muito grande no último mês, perfazendo respectivamente 1 milhão e 161 mil t. Esses dados representam volumes recordes de exportações mensais, à exceção das de farelo, que ainda não superaram as 1,014 milhão de t, de agosto de 1981.

Vendas expressivas são fatos corriqueiros entre abril e julho de cada ano, conforme se observa no